

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 MUSEU
MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

A NECRÓPOLE ROMANA DO EIRÔ, DUAS IGREJAS (PENAFIEL): INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 2016

Laura Sousa¹, Teresa Soeiro²

RESUMO

Em 2016, a construção do Centro Paroquial de Duas Igrejas (Penafiel) proporcionou a (re)escavação, pelo Museu Municipal de Penafiel, de uma das necrópoles romanas conhecidas na freguesia, lugar do Eirô. Abílio Miranda publicou a primeira notícia em 1941, reportando-se ao achamento ocasional de enterramentos, num terreno entre a igreja e o cemitério. Continham cerâmica comum romana e um anel decorado, materiais que, sem destrinça, deram entrada no Museu. Com a presente intervenção, recuperaram-se as estruturas tumulares remanescentes daquela ocorrência e escavaram-se, integral ou parcialmente, mais seis sepulturas de inumação preservadas, contendo cerâmica, pregadura de calçado com vestígios de tecido e numismas, permitindo uma nova leitura do sítio e a datação destes enterramentos, atribuídos ao terceiro quartel do século IV d.C.

Palavras-chave: Necrópole romana, Sepulturas de inumação, Século IV, Duas Igrejas/Penafiel, Museu Municipal de Penafiel.

ABSTRACT

The (re)excavation, in 2016, by Penafiel's Municipal Museum, of one of the known parish's Roman necropolis at Eirô hamlet, was facilitated by the construction of the Duas Igrejas Parish Centre. In 1941, Abílio Miranda published the first news referring the casual finding of archeological burials in a ground between the church and the graveyard. Roman coarse wares and an ornamented ring were found there. These materials entered the Museum unrecorded. In this intervention the remaining grave structures of that occurrence were uncovered. Six more preserved inhumation tombs were partially or fully excavated that contained pottery, hobnails with fabric remains, and coins. It allowed for a new interpretation of the site and these burials datation, attributed to the 4th century A.D.

Keywords: Roman necropolis, Inhumation tombs, 4th century, Duas Igrejas/Penafiel, Municipal Museum of Penafiel.

1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Abílio Miranda (1893-1962), estudioso do património local e director da Biblioteca-Museu Municipal de Penafiel, noticiou, no início dos anos Quarenta, o achado de duas necrópoles romanas na freguesia de Duas Igrejas (Penafiel). No primeiro artigo, publicado em 1941 (Miranda, 1941), referiu-se à descoberta casual, que lhe fora de imediato comunicada pelo pároco, resultante de obras em curso junto da Igreja. Assim, teve ensejo de se deslocar ao lugar do

Eirô, visionar a intervenção e recolher algum espólio para o futuro Museu, nomeadamente vasos cerâmicos e um anel de azeviche (MMPNF/4655). A outra ocorrência sucedera em 1933, ao abrir os alicerces para a Escola Primária, no lugar de Antas, 300m a SO da Igreja, tendo sido avisado pelo mesmo sacerdote, ainda a tempo de observar «uma ou duas cavidades de sepulturas» (Miranda, 1942, p. 65). Dele recebeu, para acervo museológico, cerâmicas romanas e um anel em bronze (MMPNF/4656), cuja mesa ostenta o conhecido tema clássico do

1. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»; laura_sousa@hotmail.com

2. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»; teresasoeiro@sapo.pt

«casal afrontado» (Cravinho, 2014, p. 363). Provirão também desta necrópole as 41 moedas do século IV (MMPNF/2949-2950, 2952-2989 e 4334) estudadas por Isabel Pereira (1975) e um estilete de bronze (MMPNF/4687) referido por Pinho Brandão (1961, p. 30). O enquadramento do sítio e a publicação dos materiais cerâmicos (MMPNF/2906-2920; 2922-2933 e 5311), que integram a colecção apenas com indicação da freguesia (não especificando qual dos cemitérios e conjunto funerário), bem como dos anéis e estilete, foi realizada pela segunda autora desta comunicação, em 1984 (Soeiro, 1984, pp. 89-95).

Estando a área sob vigilância desde então, a construção do novo Centro Paroquial de Duas Igrejas motivou a realização de sondagens arqueológicas, em 2015, a cargo do Museu e dirigidas pela primeira autora (DRCN-DSBC/2015/495). Foi confirmado o interesse patrimonial do espaço, procedendo-se, em 2016, ao alargamento da escavação em área, na plataforma superior, coincidente com as descrições de Abílio Miranda. Aqui, para além do reconhecimento de algumas das estruturas exumadas em 1941, identificaram-se novos enterramentos, preservados, possibilitando a (re)interpretação da necrópole e datação de pelo menos um período de utilização, o que permite o cotejo com outras congéneres, estudadas na área de Penafiel e região envolvente³ (Figura 1).

2. O LUGAR

A necrópole do Eirô (41.185625-8.269802) está localizada numa área aplanada do centro da freguesia de Duas Igrejas, que pouco ultrapassa os 400m de altitude, na mancha de «granitos monzoníticos, porfiróides de duas micas, essencialmente biotíticos» (CGP – Folha 9-D). Contornam esta rechã os altos de Marecos (449m), a Poente, e os da Brenha (477m) e Chocal (589m) a NE-E, tendo a Sul o planalto de Luzim (556m). Elevações inabitadas, foram até ao passado século áreas de pastoreio e recolha de lenha, e delas descem águas que alimentam córregos e nascentes, fundamentais ao assentamento e cultivo do solo em altitude intermédia. A sede da paróquia de Santo Adrião de Canas, instalada, na Idade Média,

3. Agradecemos a Rui Centeno a classificação das moedas, apesar da dificuldade decorrente de ainda não terem sido objecto de qualquer tratamento, bem como as sugestões de interpretação, a Rui Oliveira a realização das estampas e a Eduardo Cunha a fotografia de artefactos.

entre campos agrícolas, num local mais baixo, a Sul, foi transferida, por 1564, para o lugar do Eirô (Santos, 1973, pp. 540-541; R., 1973), desafogado e bem conectado, onde existia a ermida de Santa Maria e, antes dela, a necrópole romana e, provavelmente, o respectivo povoado aberto/aldeia, com o qual também se relacionará o espaço funerário de Antas. Quase contígua à nova igreja foi erguida, antes dos meados do século XVIII, a residência paroquial, com campo do passal e horta (Cardoso, 1751, p. 403), que interferiram com os enterramentos romanos, pois um dos escavados (S. 8) está coberto pelo alicerce desta parede. Também o muro periférico do actual cemitério, datado de 1886 e implantado a Este do passal, cortou o sítio, sendo comum surgirem materiais arqueológicos dispersos ao preparar os funerais. Em Duas Igrejas cruzam-se caminhos naturais de passagem, quer os que ligam as terras baixas das margens do Sousa e Cavalum (W) ao vale do Tâmega (E), à altura da ponte romana de Canaveses, quer o que da Portela de Santa Marta (N) se dirige a S, pelos altos de Luzim até às passagens do Tâmega e Douro, ou por Rans e o vale da ribeira da Camba, em cota baixa, até Entre-os-Rios. Em qualquer destes percursos se encontram sítios arqueológicos de época romana, muitos coetâneos da necrópole em estudo (Soeiro, 1984 e 2018; PDM – Carta do Património).

3. O ACHADO DE 1941 E A INTERVENÇÃO DE 2016

Abílio Miranda (1941) descreve o sítio como «uma vasta necrópole mixta de sepulturas circulares, rectangulares e uma antropomórfica aberta na rocha». Parco e por vezes desconcertante nos detalhes, individualizou seis destas sepulturas: uma antropomórfica aberta na rocha, quatro rectangulares «abertas em terra, mas aparelhadas à volta com pedra», que «mediam aproximadamente dois metros de comprimento por sessenta centímetros de largo» e «eram tôdas forradas, pela parte interior, de tabuões de madeira», e uma «de menores dimensões, que serviu a uma criança». Deixamos de lado as covas circulares, que diz *vazias*, e as demais cavidades irregulares do saibro, possível resultado da plantação de árvores e colocação de estruturas efémeras no campo do passal. Pelo contrário, valorizamos a sua referência ao facto de uma sepultura ser aberta na rocha e simultaneamente conter espólio (romano), condições que se repetiram nas S. 4 e S. 5, de 2016, contribuindo

assim para esclarecer o equívoco gerado por aquela notícia e exacerbado em notas posteriores, com larga repercussão na historiografia das sepulturas (antropomórficas) abertas na rocha, medievais (Barroca, 2010-2011, p. 135).

A intervenção de 2016 estendeu-se pela plataforma sensivelmente horizontal entre a igreja e o muro do cemitério (c. 325m²), à face da rua da Liberdade, e permitiu identificar: cinco sepulturas romanas preservadas (S. 1 a S. 5), das quais uma não escavada na totalidade por estar sob o passeio da via pública (S. 3); uma sepultura (S. 8) perturbada pela construção da antiga Casa Paroquial, cujo alicerce integrava também parte de uma mó giratória em granito de moinho manual romano (MMPNF/14483) e, na vala de fundação, uma moeda de Constâncio II (MMPNF/14424); cinco das seis sepulturas referidas por Abílio Miranda, agora renumeradas (S. 6, 7 e 9 a 11) (Figura 2).

4. A NECRÓPOLE E AS SEPULTURAS

A necrópole do Eirô ficou delimitada em escavação apenas no sentido Sudeste, pela confirmação da não existência de elementos cemiteriais numa faixa de ±12m antes do declive do terreno. No sentido oposto, sabemos que avança para a via pública (veja-se S. 3); em direção SO-NE, foi cortada tanto pelo adro e casa paroquial (S. 8), como pelo atual cemitério (zona escavada em 1941). Estava instalada numa área aplanada, certamente com pouca potência de terra sobre o substrato, constituído sobretudo por alterite de granito, fácil de escavar com instrumentos de ferro mas suficientemente estável para as covas não necessitarem de estrutura de contenção. As marcas de corte e desbaste indiciam a morfologia da lâmina e a direcção dos golpes dos instrumentos utilizados para as abrir. Porém, em alguns pontos este saibro muito alterado dá lugar a outro, duro, com grânulos de quartzo e feldspato de maior dimensão, mais difícil de aprofundar. A gradação prossegue até às sepulturas abertas na própria rocha, situação provavelmente não desejada e mesmo evitada quando o afloramento ficava visível, que resultou em sepulcros pouco profundos (S. 4 = 0,40m e S. 5 = 0,25m escavados) e com os limites verticais e o fundo irregulares e toscos (Figura 3).

Apesar destas contingências, dez dos enterramentos reconhecidos, com diferente tipologia construtiva, estão organizados sensivelmente na mesma orientação, NE-SO, sem sobreposições e com interceções

tangenciais (nas S. 2 e 3, pela abertura da S. 10, e na S. 5, pela S. 8). Nenhum dos escavados em 2016, covas simples distribuídas pela área com pouca potência de solo arável, conservava a cobertura, se existiu. Pelo contrário, os descobertos em 1941, de construção pétreo e implantados numa zona mais funda do terreno (S. 6, 7 e 11), estariam capeados com «*cascões de pedra*» granítica, como registou Abílio Miranda. Contudo, as cotas superiores de uns e outros são idênticas, pelo que também estas coberturas poderiam não ter impacto à superfície, colocando-se mais uma vez a questão do reconhecimento externo, que evitasse violações inadvertidas e facilitasse a identificação do defunto para a aproximação dos familiares à campa em momento de celebração.

Faremos, de seguida, a caracterização sumária dos enterramentos. Para cada um são indicadas as dimensões (compr. x larg.) à superfície do natural e na base da cova (sup./base), seguidas da profundidade medida a partir do natural, embora, à época, este estivesse certamente recoberto por *terra*, o que ampliaria este valor, em alguns casos manifestamente insuficiente para se realizar qualquer deposição de um corpo. Como é normal no Noroeste, não foram encontrados vestígios osteológicos.

S. 1 – Cova sub-retangular aberta no saibro (1,66/1,32m x 0,90/0,80m x 0,56m), com paredes irregulares e ângulos arredondados, fundo horizontalizado. O espólio cerâmico está quase todo agrupado a SO, com dois pratos pousados no fundo, encaixados, e sobre eles o copo, ladeado pelos outros dois pratos e o jarro; a meio da linha central encontra-se a bilha; as 8 moedas agrupam-se a N, sobre o lado. Os vasos fechados foram propositadamente deitados (todos no mesmo sentido), para sobre eles ser depositado o corpo, simplesmente ou numa padiola à qual atribuir as ferragens em L e prego. Esta distribuição sugere que a cabeça ficaria a NE e as moedas ao lado (?) do defunto. Na terra de enchimento, a cota superficial, havia fragmentos de pelo menos outros três vasos (jarro, bilha e copo, 14391-14393), bastante incompletos, quiçá peças partidas e abandonadas em 1941, arrastadas pelas movimentações de terra posteriores (Figura 4 e 9).

S. 2 – Cova sub-retangular aberta no saibro (1,84/1,72m x 0,92/0,70m x 0,52m), com paredes rectas e fundo aplanado. Defunto com a cabeça a SO, espólio depositado sobre o fundo, à esquerda da linha longitudinal, começando pelas moedas, a ladear o ombro (?), seguidas de um púcaro, três pratos e

novo púcaro, distribuindo-se o restante vasilhame, tombado, em redor dos pés, documentados a NE pela presença de 63 tachas de calçado com cabeça em calote esférica, amontoadas, com vestígios de tecido (da mortalha?), que envolveria o corpo, certamente também vestido (Figura 5 e 10).

S. 3 – Cova sub-retangular aberta no saibro, parcialmente escavada (1,55/1,50m x ? x 0,57m), com paredes algo encurvadas e fundo aplanado com concavidades junto dos dois ângulos expostos, distando entre si cerca de 1,20m. Deposição orientada com a cabeça a NE (?). Espólio depositado no fundo, moeda e um grupo de 18 tachas de calçado com vestígios de tecido a SO (11 em outros dois grupos); uma bilha, deitada, ao centro, e os restantes vasos na outra metade da sepultura (sob a cabeça e o dorso?), alguns intencionalmente sobrepostos. As cavidades nos ângulos e a mortalha apontam para o uso de padiola/leito (ou caixão com pés de apoio) (Figura 11).

S. 4 – Cova sub-retangular/trapezoidal aberta na rocha, mais estreita a SO (1,70/1,44m x ±1,10/0,70m x 0,40m). Espólio depositado no fundo aplanado, próximo da linha média longitudinal, com os dois vasos fechados deitados para ficarem sensivelmente à altura dos pratos, facilitando a sobreposição do cadáver, para a orientação do qual não temos argumento a não ser a maior largura dos ombros, a NE (Figura 12).

S. 5 – Cova sub-retangular irregular aberta na rocha (1,92/1,72m x 0,80/0,72m x 0,25m), cabeceira a NE, com concavidades junto dos ângulos, na proximidade das quais foi recolhida a moeda. Espólio depositado no fundo aplanado, a maioria na linha média da metade inferior, com os vasos fechados deitados, a que se segue uma mancha com 83 tachas, muitas patenteando marcas de tecido bem visíveis (Figura 6). Um jarro, muito incompleto, e 8 tachas estão próximo da parede NO (Figura 13).

S. 8 – Cova sub-retangular aberta no saibro, com um topo destruído pela parede da antiga Casa Paroquial (? x c.1,05/1,12 x c.0,48m). Poderia ser estruturada com lajes graníticas na vertical, adossadas ao saibro, reduzindo a largura, o que a aproxima às de 1941. Recolheram-se 32 tachas, muitas com vestígios de tecido, e um copo incompleto.

Das sepulturas noticiadas por Abílio Miranda, em 1941, foram analisadas as seguintes estruturas, concentradas a Norte, no ângulo formado pela rua e o muro do cemitério.

S. 6 – Sepultura retangular com caixa pétrea (1,90/

1,90 x 0,68-0,60/0,56 x ±0,62m), estruturada por seis lajes de granito, com pedra miúda e saibro nos interstícios, usa o saibro como fundo. O lado SO está encostado ao afloramento, cortado para receber a laje. Estas são pouco trabalhadas e poderiam obter-se neste local, mesmo à superfície: trata-se dos *casões de pedra* com que os trabalhadores de 1941 se depararam (Figura 7).

S. 7 – Sepultura retangular com caixa pétrea (1,63/1,58 x 0,58/0,62 x ±0,52m), estruturada com sete lajes de granito e duas pedras que nivelam o topo NE, onde encosta ao afloramento, podendo assim receber mais facilmente a cobertura. Saibro do fundo demasiado aprofundado em 1941, abaixo do limite das lajes (Figura 8).

S. 9 – Sepultura retangular escavada na rocha (1,70/1,64 x 0,63/0,60 x 0,04 a NE e 0,24m a S). Corresponderá à sepultura «antropomórfica escavada na rocha».

S. 10 – Sepultura (?) quadrangular escavada no saibro (1,60 x 1,20 x 0,40m). Cortou marginalmente a S. 2 e S. 3, e será a «de menores dimensões, que serviu a uma criança».

S. 11 – Sepultura retangular muito destruída (aprox. 1,80 x 0,74-0,80 x 0,60m), identificável pelos cortes no saibro onde encostariam as lajes da caixa, como nas 6 e 7.

S. 12 – Interfaces na área escavada em 1941, junto do muro do Cemitério, poderão corresponder a esta sepultura (retangular e de caixa com lajes?).

5. OS MATERIAIS DEPOSITADOS

Abílio Miranda diz-nos que nas sepulturas estruturadas com lajes havia *louça*. Mas, apenas destaca o espólio de duas outras: na chamada *antropomórfica*, foi recolhido um anel de azeviche e, junto dos membros inferiores, «uma *anforeta* de uma asa e uma *ampula*» (púcaro e bilha), existindo ainda pregos e «bastante carda grossa, que pertencia ao calçado do cadáver»; a *de criança* conteria objectos cerâmicos «de uma interessante miniatura», entre os quais um jarro com bocal trilobado (Miranda, 1941, p. 28-29). No Museu, apenas o anel de azeviche pode ser isolado. Datável do Baixo Império, tem aro de decoração torsa, a alargar para a mesa, saliente, onde se abriu, a picotado, um motivo semi-circular preenchido com linhas radiais (Soeiro, 1984, p. 90-91). Fabrico provincial, terá origem nas oficinas de *Bracara Augusta* (Cravinho, 2014, p. 599).

Todos os enterramentos escavados (2016) apresentavam materiais cerâmicos, por vezes acompanhados de moedas. Trata-se de olaria de fabrico local/regional, com uma panóplia de formas limitada: jarro trilobado (bico unido, asa sem dedeira), bilha (bocal estreito, asa com dedeira, pança elíptica ou cortada), púcaro de perfil em S (vários tamanhos, decoração de caneluras finas a marcar o colo), copo de perfil em S e prato/prato de lume. São conjuntos vulgares nas necrópoles baixo-imperiais de Penafiel (Soeiro, 1984, 2009-2010, 2015; Pinto, 1998) e por toda a *bracarense* (Tabela 1).

Nos jarros trilobados e pratos, as pastas apresentam texturas fortemente arenosas, com grãos brancos muito visíveis, e superfícies ásperas ou pouco alisadas, em tons de castanho, do claro ao enegrecido pelo uso ao lume. A S. 5 é um expoente deste fabrico grosseiro e mau acabamento do jarro e pratos, mesmo do copo, cujo alisamento exterior não encobre as irregularidades da parede. Grande semelhança entre si mostram os pequenos pratos da S. 1 (Figura 9: 4) e S. 4 (Figura 12: 3 e 4), pouco ou nada usados, em tom bege acastanhado, alisados, que seguramente saíram das mãos do mesmo artífice. Outros, com fortes marcas de terem estado ao lume, apesar de deformados na cozedura, serviram em vida e, por fim, seguiram para a cova (Figura 10: 8 e 12: 5).

De entre a olaria usada ao fogo sobressai uma peça da S. 1 (Figura 9: 5), com parede reta esvasada e lábio boleado com ligeiro espessamento, facetado. Somos levados a colocá-la como tampa por o disco central (como que fundo) apresentar externamente, ao centro, dois arranques de uma asa de fita. Outras particularidades são a argila babada na mal conseguida união “fundo”/parede, a diferente coloração das partes, o perfil irregular e a fuligem interior. Partida a asa, podia ter sido depositada na sepultura como prato.

Um outro grupo, de vasos para líquidos – bilhas, púcaros e copos –, apresenta-se geralmente sem fuligem, fabricado numa pasta arenosa de calibre menos grosseiro, por vezes com desengordurante cerâmico, bem cozida. Tem perfis regulares, tom castanho/alaranjado e superfícies cuidadas no exterior, incluindo dos fundos, e interior do bordo. Os púcaros médios da S. 2 e S. 3 (Figura 10: 4 e 11: 3) mostram fuligem exterior, concentrada no lado oposto à asa, como é típico dos jarros, encostados ao lume para aquecer o conteúdo. Pelo menos num caso, o copo da S. 3 (Figura 11: 4), verificou-se que o bojo apresenta um

orifício subcircular aberto intencionalmente, após a cozedura, talvez aquando do depósito, prática recorrente nas necrópoles escavadas em Penafiel.

Apesar de sensivelmente sincrónico, o espólio da S. 3 (Figura 11), suscitou, desde o momento do achado, o reconhecimento de diferença por uma maior delicadeza na feitura e aparência de algumas vasilhas: a bilha era de tamanho pequeno, morfologia cuidada, pasta comparativamente depurada e bom alisamento; havia também um pratel e uma tacinha (a formar *serviço*?) de superfícies castanho/alaranjadas, bem alisadas e, no caso da segunda, cobertas por espessa aguada do mesmo tom em todo o interior e numa faixa exterior a partir do lábio. Teria sido, talvez, outro conjunto assim que levou Abílio Miranda a identificar uma das sepulturas (S. 10, ao lado desta?) como de criança, situação que lembra a da escavação da sepultura 4 (1974) do Castro de Monte Mozinho, pequena inumação de meados ou 2.^a metade do século IV, com formas cerâmicas de tamanho bastante reduzido e fabrico relativamente apurado, que levou Carlos Alberto Ferreira de Almeida a sugerir parecer-lhe infantil (Almeida, 1974, p. 44-45).

Na S. 5, além da cerâmica e moeda, havia um fragmento mínimo de vaso de vidro incolor com leve curvatura e espessura inferior a 1mm. Já a S. 4 continha um pequeno fragmento indeterminado de bronze, recto e com secção circular.

As moedas, treze depositadas em quatro das sepulturas e duas recolhidas nas UE envolventes, apresentam uma cronologia bastante homogénea, sendo quase todas bronzes (*Æ 3* e *nummus*) do reinado de Constâncio II, com sinais de alguma circulação, o que aponta para a datação dos enterramentos no 3.^o quartel do século IV. Na S. 1, surgiram oito, amontoadas, na metade da sepultura onde não havia outro espólio, ao lado da cabeça/peito do defunto, muito juntas, talvez contidas em bolsa. São cunhagens de 335-340 a 357-361. A S. 2 forneceu três, sendo as duas legíveis também de Constâncio II (355-357), assim como a da S. 5; a da S. 3, colocada junto das tachas, muito deteriorada, foi atribuída ao século IV. Os dois exemplares recolhidos na estratigrafia envolvente pertencem ao mesmo reinado. Na anterior escavação (1941), não ficou notícia do aparecimento de numismas. Já na necrópole do lugar de Antas havia moedas nos enterramentos, as quais deram entrada no Museu, juntamente com a cerâmica e o anel. São 41 exemplares, sem indicação dos conjun-

tos funerários. Inventariadas por Isabel Pereira (Pereira, 1975), a sua cronologia coincide com a anterior, prolongando-se, porém, até ao final do século IV (394-395), com possível circulação no seguinte.

Em síntese, estaremos perante uma das necrópoles desta *aldeia* estabelecida em área aberta, na interface do monte com as melhores terras agrícolas, em local de passagem. A existência da área funerária de Antas, a 300m, sugere uma localização do povoado no espaço intermédio, desde a época moderna centrado na igreja paroquial. As sepulturas escavadas, do 3.º quartel do século IV, são inumações em cova retangular, onde o falecido, amortalhado (sobre o calçado) seria depositado em decúbito dorsal (?), maioritariamente com a cabeça a NE, sobre uma padiola/leito ou caixão (suportes a pousar nas concavidades dos ângulos), ou directamente por cima das vasilhas, com o remanescente do banquete fúnebre, distribuídas no fundo, por vezes empilhadas e com os vasos fechados deitados para nivelamento. Não havia objectos de adorno da pessoa e vestuário (excepto o de S. 4 ?), sendo os conjuntos bastante uniformes e bem mais pobres do que os dos níveis sincrónicos das necrópoles penafidelenses de Montes Novos e Monteiras, com as quais tem paralelos e para cuja discussão remetemos (Pinto, 1998; Soeiro, 2009-2010, 2015). Em *Bracara Augusta*, por esta época, já escassos artefactos se depositavam nas inumações (Braga, 2018, p. 417). As sepulturas de 1941, com caixa de lajes pétreas, diferenciam-se destas (Arezes, 2017, p. 195), ainda que sigam o alinhamento e contivessem cerâmica comum, não sendo possível precisar a datação, que poderá chegar ao século V, como as da área de Antas, momento em que a ocupação disseminada pelo território continuava densa e variada (Soeiro, 2018).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974) – *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel: Centro Cultural Penafidelis.
- AREZES, Andreia (2017) – *O mundo funerário na antiguidade tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011) – Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho. *Portvgalia*. Porto. Nova Série. 31-32, pp. 115-182.
- BRAGA, Cristina Maria Vilas Boas (2018) – *Morte, memória e identidade. Uma análise das práticas funerárias de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (tese de doutoramento).
- BRANDÃO, D. de Pinho (1961) – *Atramentarium e stilus do Museu de Penafiel*. *Lucerna*. Porto, 1:1, pp. 29-34.
- CARDOSO, Luiz (1751) – *Canas de Duas Igrejas*. In *Dicionário geográfico*. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real. Tomo 2, p. 403.
- CRAVINHO, Graça Maria Pombo (2014) – *Glíptica romana em Portugal*. Santiago de Compostela: USC-Facultad de Xeografia e Historia (tese de doutoramento).
- MIRANDA, Abílio (1941) – *Sepulturas abertas na rocha. Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 3, pp. 27-29.
- MIRANDA, Abílio (1942) – *Anel de Casados. Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 5, pp. 65-66.
- PEREIRA, Isabel (1975) – *Moedas tardo-romanas da necrópole das Duas Igrejas (concelho de Penafiel)*. *Conimbriga*. Coimbra. 14, pp. 185-197.
- PINTO, Gilda Correia (1998) – *A necrópole romana de Montes Novos/Croca, Penafiel*. *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, vol. 2, pp. 187-240.
- R, A. M. (1973) - *Comenda de Duas Igrejas. Penafiel. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Penafiel. 2, pp. 60-67.
- SANTOS, Cândido Augusto Dias dos (1973) – *Censual da Mitra do Porto. Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- SOEIRO, Teresa (1984) – *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel: Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel. 3.ª Série, 10.
- SOEIRO, Teresa (2009-2010) – *Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel)*. *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, vol. 12/13, pp. 5-221.
- SOEIRO, Teresa (2015) – *A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III-IV d.C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal)*. *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora: UE/CHAIA, pp. 159-174.
- SOEIRO, Teresa (2018) – *O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga*, In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) - *In tempore sueborum*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 211-216.



Figura 1 – Necrópoles romanas do Eirô e de Antas (Duas Igrejas): levantamento aerofotogramétrico (CMPNF).



Figura 2 – Vista geral da intervenção na necrópole romana do Eirô (2016).

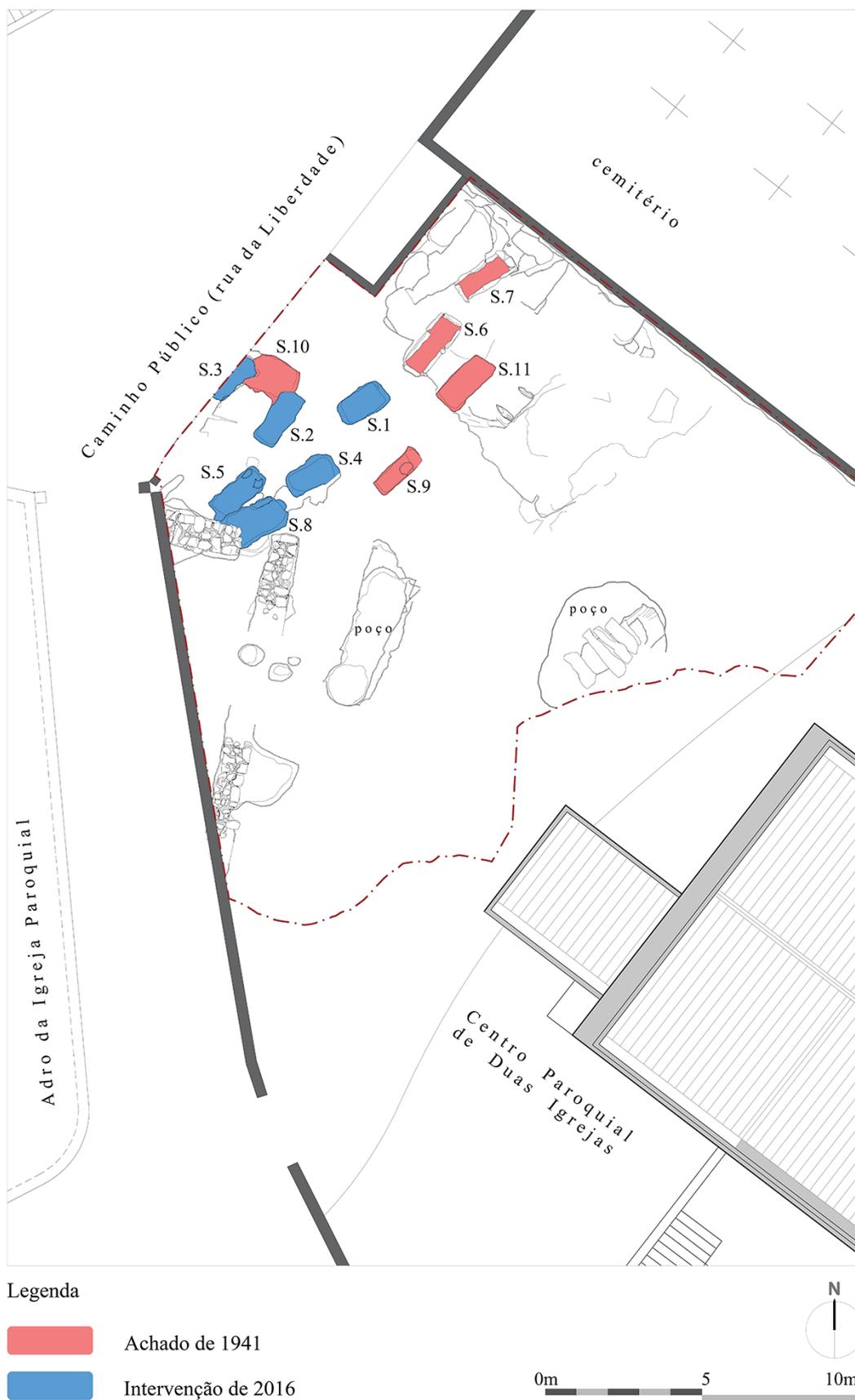


Figura 3 – Plano final da necrópole romana do Eirô (2016).



Figura 4 – Necrópole romana do Eirô: sepultura de inumação S. 1, com o respetivo mobiliário funerário.



Figura 5 – Necrópole romana do Eirô: sepultura de inumação S. 2, com o respetivo mobiliário funerário.



Figura 6 – Pormenor de tacha de calçado com vestígios de tecido, da S. 5 (fot. Eduardo Cunha).



Figura 7 – Sepulturas estruturadas com lajes, descobertas em 1941 (S. 6 e S. 7).



Figura 8 – Sepultura S. 7, evidenciando o sistema construtivo.

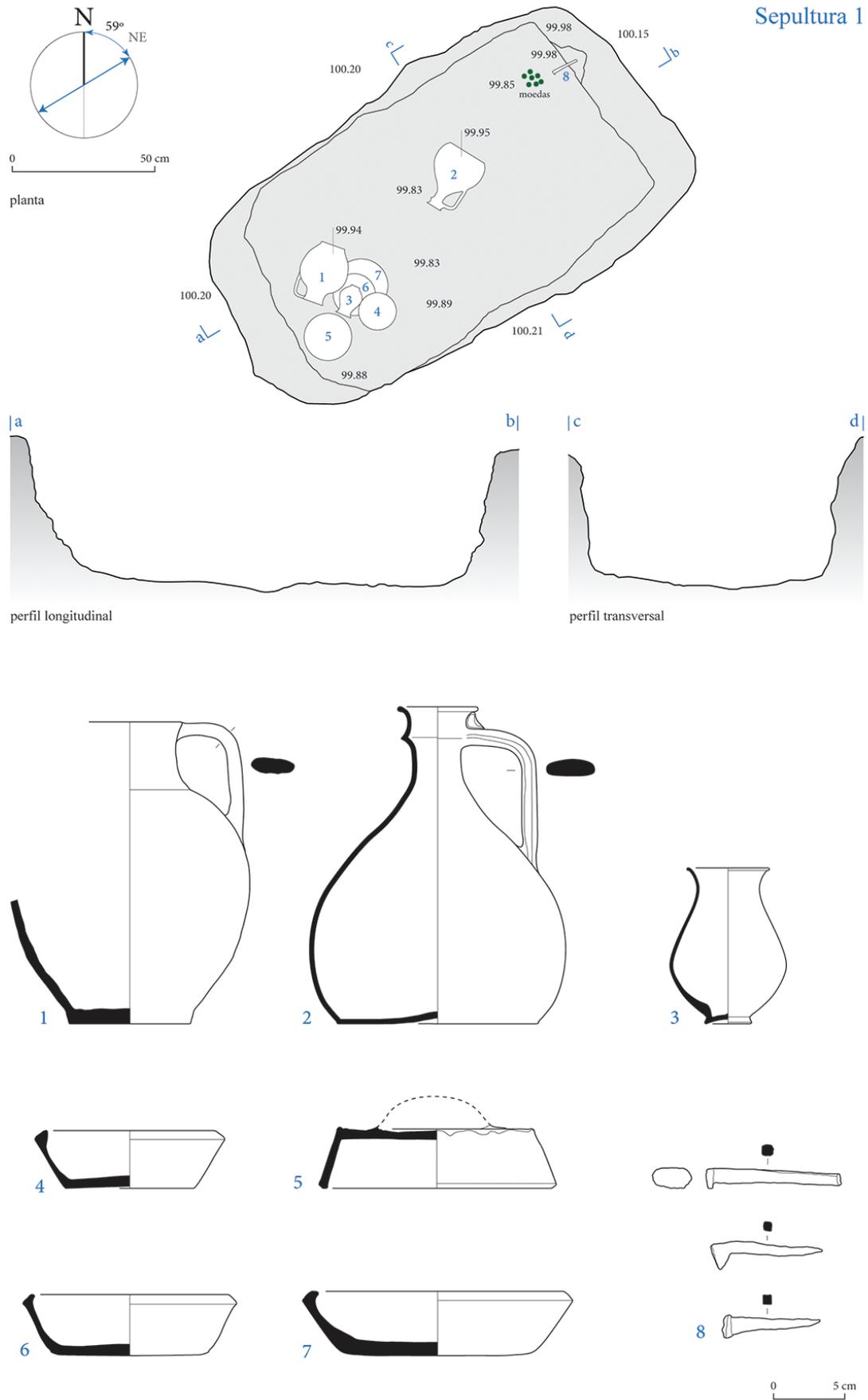


Figura 9 – Sepultura 1: plano, cortes e respetivo espólio.

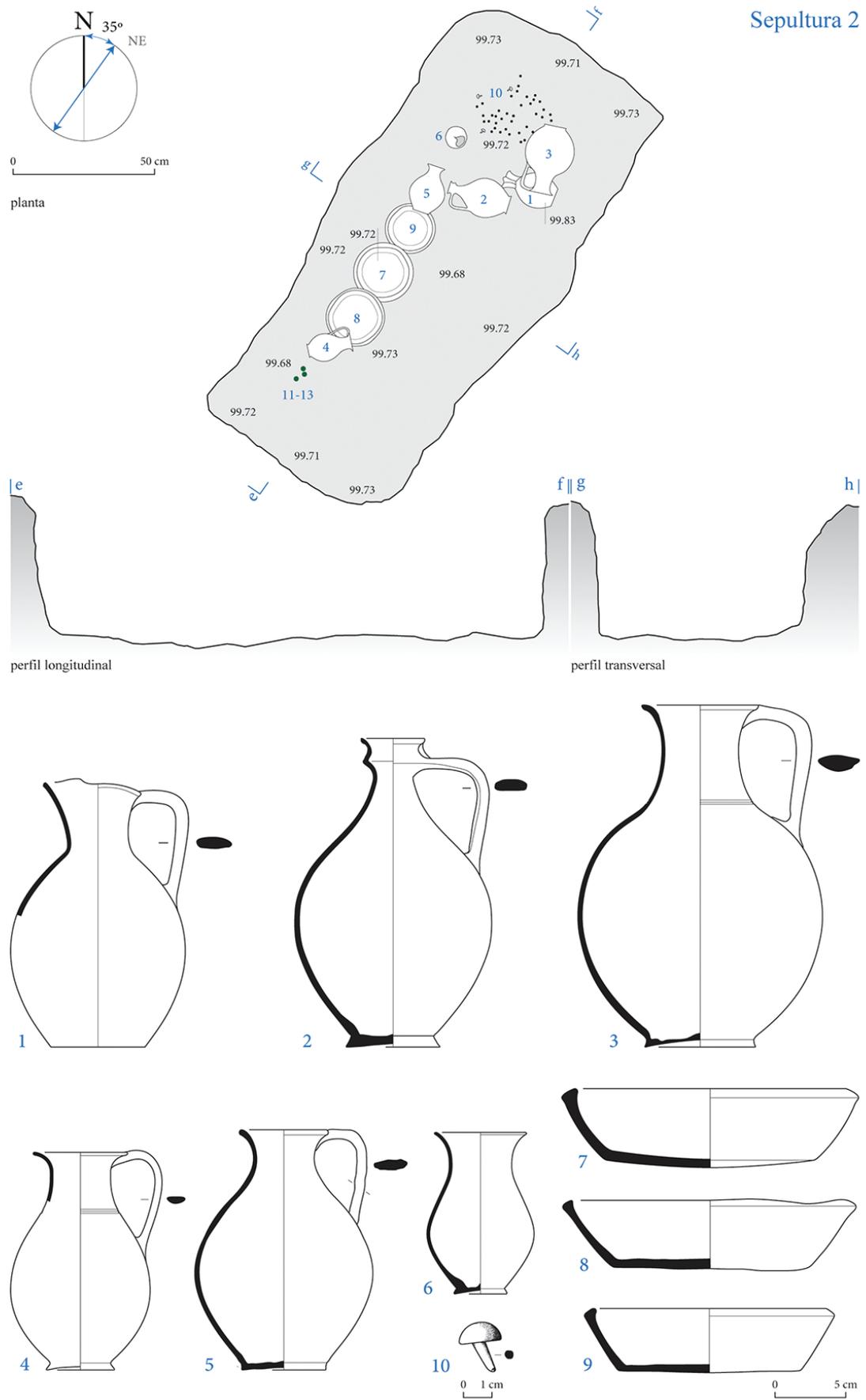


Figura 10 – Sepultura 2: plano, cortes e respetivo espólio.

Sepultura 3

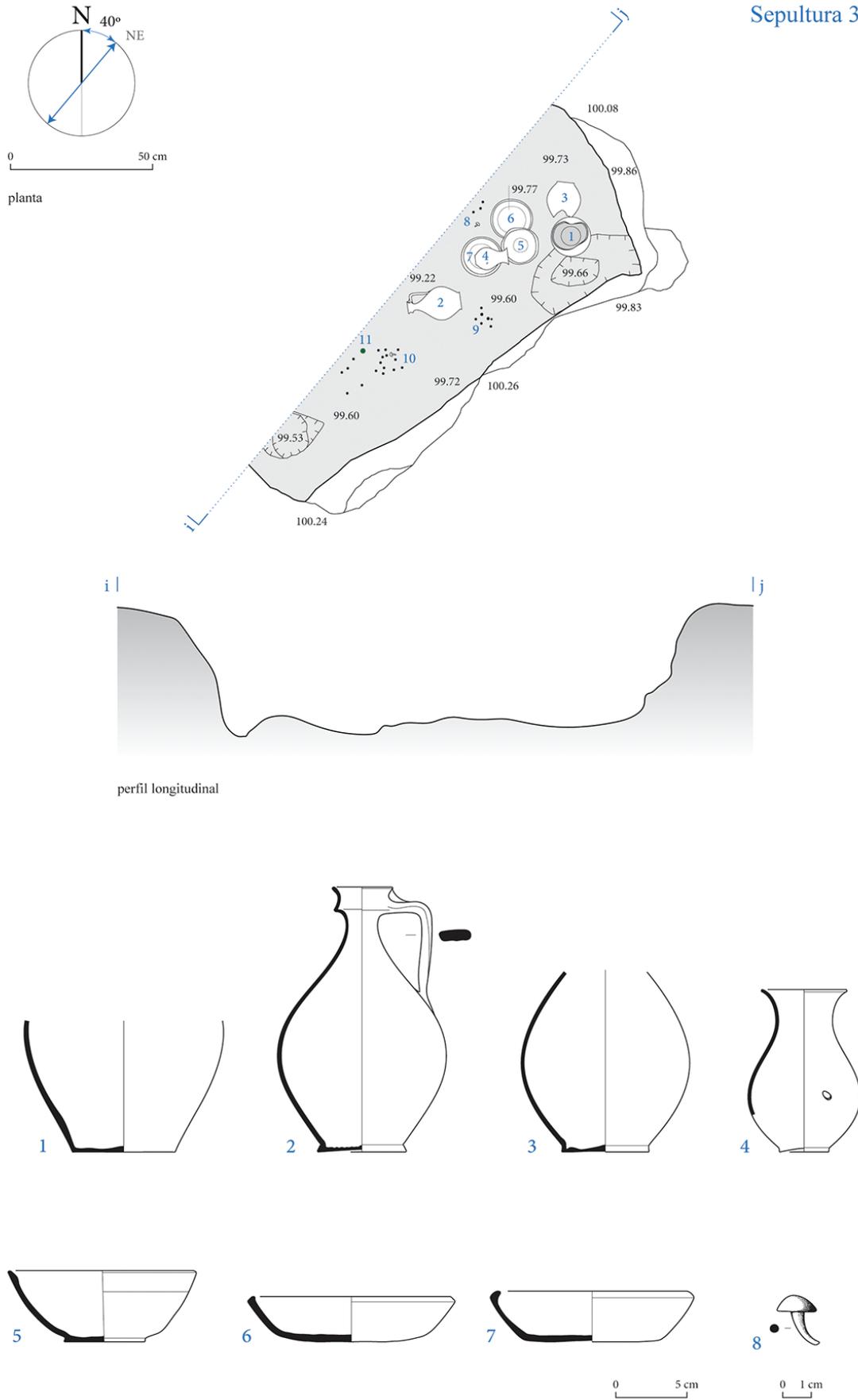


Figura 11 – Sepultura 3: plano, cortes e respetivo espólio.

Sepultura 4

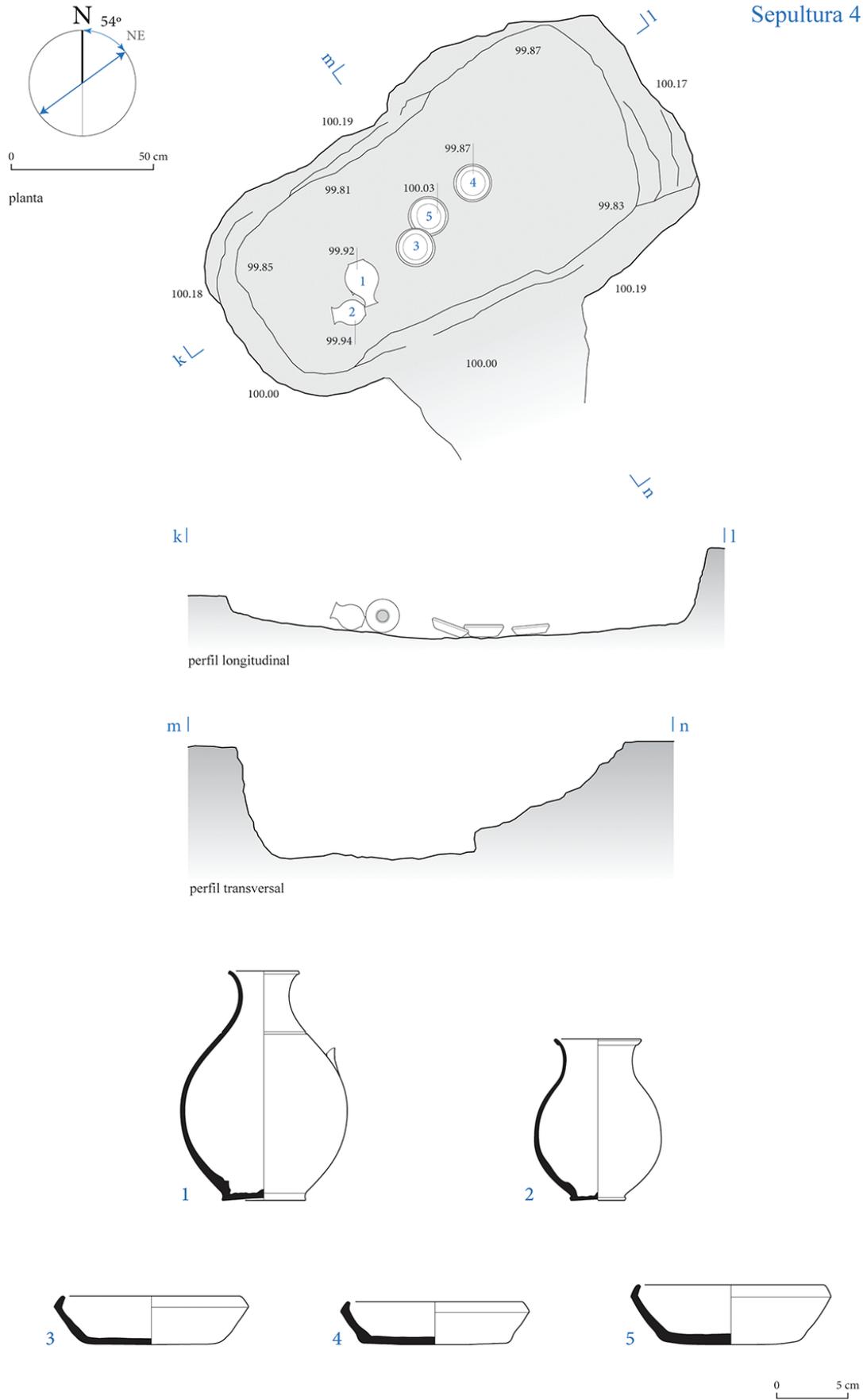


Figura 12 – Sepultura 4: plano, cortes e respetivo espólio.

Sepultura 5

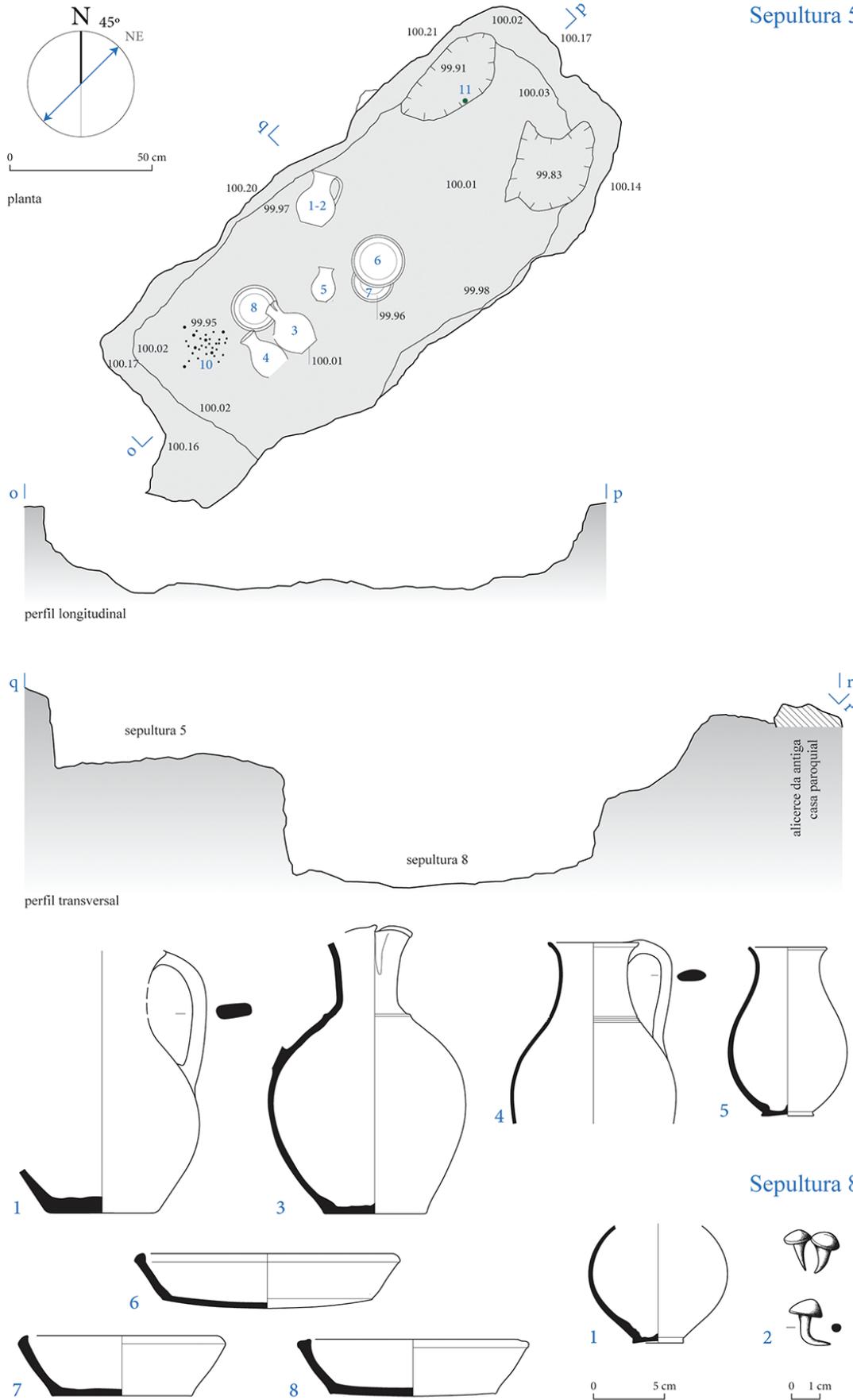


Figura 13 – Sepulturas 5 e 8: plano, cortes e respectivos espólios.

S. 1	
Inv.	Objeto
14 375	1. Jarro – trilobado (?), p. arenosa, sup. alisada, castanha; aparência nova
14 376	2. Bilha – p. arenosa, sup. ± alisada, alaranjada, bem cozida
14 377	3. Copo – p. arenosa fina, sup. alisada, bege, bem cozida
14 378	4. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, bege-acastanhada
14 379	5. Tampa/Prato – perfil irregular, p. arenosa, sup. pouco alisada, acastanhada, alguma fuligem no int.; asa partida
14 380	6. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, acastanhada, fuligem no int. e ext.
14 381	7. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, castanha-alaranjada, fuligem no int. e ext.
14 382	8. Objetos em ferro – pregos e ferragens
14 383	9. Nummus , Divus Constantinus I, C. M. ilegível, 337-40 Rev.) Constantino em quadriga à direita
14 384	10. Nummus , Constantinus I, Constantinus II, Constans II ou Constans, C. M. ilegível, 335-40 Rev.) Gloria Exercitus (1 estandarte)
14 385	11. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 357-361 Rev.) Spes Reipublice
14 386	12. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 355-357 Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3)
14 387	13. Nummus , Constantius II, Antioquia, 347-348, RIC VIII, 113. Rev.) VOT/XX/MVLT/XXX dentro de coroa de louros
14 388	14. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 355-357 Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3)
14 389	15. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 355-357 Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3)
14 390	16. Nummus , Constantius II, C. M. Ocidental, 347-348 Rev.) Victoriae DD Augg Q NN
S. 2	
Inv.	Objeto
14 394	1. Jarro – trilobado, bico unido, p. arenosa, sup. ± alisada, castanha, fuligem exceto na zona da asa
14 395	2. Bilha – p. arenosa fina, sup. ± alisada, bege-alaranjada, bem cozida
14 396	3. Púcaro – grande, p. arenosa com grãos vermelhos, sup. alisada, bege com manchas de tom alaranjado
14 397	4. Púcaro – p. arenosa fina, sup. alisada, castanha com manchas de tom alaranjado, fuligem do lado oposto à asa
14 398	5. Púcaro – p. arenosa fina, sup. alisada, castanha-alaranjada
14 399	6. Copo – p. arenosa fina, sup. alisada, bege
14 400	7. Prato – perfil irregular, p. arenosa, sup. ± alisada, castanha, fuligem no int. e ext.
14 401	8. Prato de lume – p. arenosa, sup. ± alisada, castanha, fuligem no int. e ext.
14 402	9. Prato de lume – p. arenosa, sup. ± alisada, acastanhada, fuligem no ext.
14 403	10. Tachas – 63, de tamanho pequeno e médio, com sinais do tecido, pouco perceptível
14 404	11. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 355-357 Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3)
14 405	12. Æ 3 , Constantius II, C. M. ilegível, 355-357 Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3)
14 406	13. Æ 3 , fragmentada, ilegível, séc. IV (post. 330?)
S. 3	
Inv.	Objeto
14 407	1. Jarro – p. arenosa, sup. ± alisada, castanha, fuligem exceto na zona da asa (?)
14 408	2. Bilha – p. fina com desengordurante cerâmico, sup. bem alisada, bege-alaranjada
14 409	3. Púcaro (?) – p. arenosa fina, sup. alisada, bege-alaranjada, fuligem no lado oposto à asa
14 410	4. Copo – p. arenosa fina, sup. alisada, bege-alaranjada, orifício aberto na pança depois da cozedura
14 411	5. Tacinha – pasta arenosa ± fina, sup. bem alisada, bege-alaranjada, forte aguada castanho-alaranjado no int. e ext. do lábio
14 412	6. Pratel – pasta arenosa ± fina, sup. bem alisada, bege-alaranjada
14 413	7. Prato – p. arenosa, sup. alisada, castanha, fuligem no int. e ext.
14 414	8. Tachas – 4 médias, com marcas ténues de tecido
14 415	9. Tachas – 7 pequenas e médias, com marcas ténues de tecido
14 416	10. Tachas – 18 pequenas, algumas com marcas de tecido
14 417	11. Nummus ou Æ 3/4 (?), fragmentado, século IV (post. 330?)
S. 4	
Inv.	Objeto
14 418	1. Púcaro – p. arenosa fina, sup. alisada, bege
14 419	2. Copo – p. arenosa fina, sup. alisada, bege
14 420	3. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, bege-acastanhada
14 421	4. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, bege-acastanhada
14 422	5. Prato – perfil irregular, p. com grãos de quartzo, ext. alisado, acastanhado, fuligem no int. e ext.
14 423	6. Objeto de bronze – fragmento reto de secção circular, com revestimento de natureza orgânica
S. 5	
Inv.	Objeto
14 470	1. Jarro – trilobado(?), p. arenosa, sup. alisada, castanha-alaranjada, bem cozida, com fuligem
14 471	2. Tachas – 8, idênticas às outras, mas sem (?) marcas de tecido
14 472	3. Jarro – trilobado, p. arenosa, sup. alisada, castanha, fuligem no ext.
14 473	4. Púcaro – p. arenosa fina, sup. alisada, castanha-avermelhada, bem cozida
14 474	5. Copo – p. arenosa ± fina, sup. alisada, acastanhada
14 475	6. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, castanha-alaranjada
14 476	7. Prato – p. arenosa, sup. ± alisada, acastanhada, fuligem no int. e ext.
14 477	8. Prato – p. arenosa, sup. áspera, castanha
14 478	9. Vaso de vidro – fragmento mínimo de vidro incolor, curvo, espessura > 1 mm
14 479	10. Tachas – 83, muitas com marcas de tecido bem visíveis
14 480	11. Æ 3 , Constantius II, Roma, 355-357, RIC VIII 316. Rev.) Fel Temp. Reparatio (FH3) R. M. [?]
S. 8	
Inv.	Objeto
14 481	1. Púcaro (?) – p. arenosa fina, sup. alisada, bege, bem cozida
14 482	2. Tachas – 32, de tamanho pequeno e médio, com sinais do tecido

Tabela 1 – Necrópole Romana do Eirô (Duas Igrejas, Penafiel, 2016): síntese dos artefactos pertencentes a cada enterramento.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

